

1.

Tudo isto aconteceu a uma família grega de nome Helianos.

Nikolas Helianos era co-proprietário e revisor editorial de uma conceituada editora com sede em Atenas; era um homem de meia-idade, com uma esposa algo mais velha do que ele e dois filhos: um rapaz de doze anos e uma rapariga de dez. Tinham perdido um outro filho, Címon, de dezanove ou vinte anos, na batalha do Monte Olimpo em Abril de 1941. Em casa deles vivera também um irmão da Sr.^a Helianos; mas quando os invasores chegaram a Atenas ele desapareceu, ou fugiu, e ninguém sabia do seu paradeiro.

A invasão foi, obviamente, ruínosa para o mundo editorial — a firma de Helianos não teve hipóteses, sendo uma editora pequena e antiquada, especializada em livros escolares e textos eruditos — e, apesar de a Sr.^a Helianos ter recebido uma pequena herança, o nível de vida da família teve de ser reduzido ao estritamente necessário. Com o desaparecimento dos dois homens, a moradia da família Helianos, nos subúrbios de Psyhiko, tornara-se demasiado grande para eles; pelo que se mudaram para um apartamento deixado vago pelo tipógrafo principal da firma, quatro pequenas mas agradáveis divisões no centro da cidade.

Não era uma família feliz, é evidente, mas todos tinham bom coração e faziam o possível por se consolarem mutuamente no luto e na relativa pobreza em que viviam. A figura de Helianos não era a que habitualmente associamos ao ateniense típico: parecia mais um francês da classe média-alta, talvez um professor universitário ou um funcionário ministerial; tinha uns modos delicados e uma mente talvez demasiado cultivada, discursiva e arguta, capaz de ver os dois lados de qualquer questão. Era um homem baixo, de ombros caídos, sem

barriga mas também sem cintura. Tinha um ar de pessoa bem-disposta — apesar da nota de tristeza ou de abatimento que se detectava no seu rosto — e uns olhos bonitos e afáveis. E mesmo nos duros anos, 1941, 1942 e 1943, nunca perdeu a sua robustez física, formada ao longo de anos de boa vida e boa alimentação.

A Sr.^a Helianos, que havia sido bela na sua juventude, com os olhos grandes, os lábios carnudos e o pescoço forte e bem torneado das mulheres da Antiguidade, sofria do coração, além de uma certa hipocondria. Mas tinha-se tornado indolente e corpulenta, com o tempo, e uma sombra de sardas estendera-se sobre a sua pele de marfim; a sua boca enrijecera e os olhos mostravam-se agora salientes e papudos. Ela era órfã, fora adoptada e criada com todos os mimos por dois tios, comerciantes ricos. Helianos limitou-se a retomar o trabalho onde os tios o tinham deixado, e mimou-a ainda mais, o que tornou as coisas especialmente duras para ela quando chegaram os tempos difíceis. O primeiro ano do desastre da Grécia pareceu fazer sobressair nela somente a fraqueza de carácter.

O seu filho de doze anos, Alex, era um rapaz brilhante mas estranho. Tinha uns olhos grandes, sempre esbugalhados, o nariz verticalmente alinhado com a testa, lábios revirados e uma expressão fixa e precocemente endurecida; mas se olhássemos para ele ou lhe dirigíssemos a palavra, a boca entreabria-se-lhe e os seus olhos dançavam. Tivera uma adoração pelo irmão mais velho, e quando a guerra começou, a única coisa que Alex desejou foi que ela durasse até ter idade para se alistar no exército. Ele recebera muito calmamente a notícia da morte do irmão no Monte Olimpo; mas depois disso, e numa altura em que a Grécia já não dispunha de um exército capaz, a única coisa de que Alex falava era de fortalecer-se o suficientemente para poder matar pelo menos um alemão, sem ter de esperar por ser adulto. Todas as semanas perguntava aos pais se achavam que ele estava mais alto, ou mais pesado; e muitos dos jogos a que brincava eram formas de aferir a sua força, testes destinados a prepará-lo para a vingança.

Na verdade, não era um rapaz forte. O Sr. Helianos receava que ele tivesse saído à família da sua mulher, uma gente de saúde delicada. Embora na sua casa houvesse mais comida do que na maioria das casas atenienses, o rapaz parecia estar mais franzino, em vez de mais forte; e por entre os seus ilíacos ia-se desenvolvendo uma barriga proeminente, de quem passa fome.

Leda, a sua irmã de dez anos, tinha a resistência física que a ele lhe faltava, mas constituía também um motivo de preocupação para a família, pois tinha um pequeno atraso. Nunca havia sido uma criança esperta, embora ninguém se tivesse apercebido disso até à derrota da Grécia. Então, nesse ano terrível, a condição da miúda assumiu um aspecto estranho; era como se ela absorvesse no ar que respirava toda a confusão e terror do momento, como se o absorvesse pelos poros, sob a forma de uma humidade doentia ou dum calafrio gélido.

Embora tivesse aquela cútis branco-pérola que tanto contribuía para a beleza da mãe em nova, Leda não era bonita. Tinha os dentes inclinados para fora e os malares demasiado proeminentes sob os olhos. Mas o pior era a sua falta de expressividade. Às vezes, quando algo corria mal, ou quando não percebia o que se estava a passar à sua volta, o seu rosto sensível mas passivo encolhia-se e pendia pesadamente, como as pétalas soltas de uma flor gigante. Nessas alturas, arpejava olhar para ela.

Leda nunca queria brincar com ninguém a não ser o irmão, e raramente falava; era capaz de estar horas sentada, a observar as coisas, mas sem emitir uma palavra. Aceitava com indiferença tudo o que se lhe dizia ou fazia por ela, sem mostrar qualquer sinal de afecto pelos pais. A única pessoa que descobrira o caminho para o seu pequeno coração fora Alex.

Quando recebia a visita de algum dos seus inúmeros parentes, Helianos costumava dizer: «Leda é mais uma nora do que uma filha.»

Era o tipo de piadas que ele apreciava dizer, subtis e obscuras, proferidas num tom grave e com um sorriso matreiro. E havia uma certa verdade naquilo: o delicado rapaz e a menina de ar apático pareciam dois noivos de conto de fadas, muito pequenos, inquietantes, e ambos como que enfeitiçados.

Nas longas conversas que tinha com a irmã, Alex confidenciava-lhe todas as suas fantasias de vingança contra um qualquer alemão, num tom por vezes colérico e com pormenores de crueldade infantil. Leda ficava assustada, mas porque se tratava do irmão, cuja voz adorava ouvir, o seu rosto embotado e bochechudo iluminava-se numa atenção feliz.

A Sr.^a Helianos era da opinião que Alex devia ser repreendido por causa das coisas brutais que proferia, não só pela má influência que exerciam sobre Leda, mas também para o bem do filho e deles próprios, seus pais — que tanto haviam já sofrido. A guerra não era coi-

sa para crianças. Ela queria que os filhos encarassem a guerra como se encara uma doença na família, uma falência, um terramoto ou uma inundação — algo pelo qual não havia que culpar ninguém. Não percebia onde Alex fora buscar aquelas ideias de vingança. Se insistisse naquele discurso delirante e melodramático a respeito da guerra, mais tarde ou mais cedo ele iria sentir que tinha de fazer de facto algo, que tinha de tornar os seus sonhos realidade. E sendo ele um incapaz, iria falhar e deixar-se apanhar pelos alemães, que o castigariam à maneira alemã. E não tinham os Helianos sofrido já bastante?

O Sr. Helianos limitava-se a abanar dubitativamente a cabeça, recusando-se a repreender o filho. Na verdade, as cruéis fantasias patrióticas de Alex afectavam Leda muito menos do que as mortificações e maus agoiros da mãe. As crianças são de algum modo imunes aos seus próprios níveis de crueldade... Leda ouviu parte da conversa que os pais tiveram a este respeito e começou a chorar, no seu modo passivo e silencioso. Havia entre a Sr.^a Helianos e a filha uma ligação de certo modo mais intensa do que o afecto: a ansiosa imaginação da mãe reflectia-se na pequena como uma nuvem negra numa poça de água estagnada.

Numa tarde do Verão de 1941, Leda viveu uma aventura. Alex não estava em casa, tinha ido levar uma mensagem a um amigo do pai; Leda saiu para a rua e foi até um terreno baldio, onde o irmão prometera ir ter com ela para brincarem juntos. Mas Alex voltou para casa sozinho, perguntando à mãe «Onde está a Leda? Onde está a Leda?».

Uma hora mais tarde, Leda voltou, como uma pequena sonâmbula; e durante dois dias e meio não quis, ou não pôde, mover-se, comer, dormir ou dizer uma palavra. Sentava-se num sítio qualquer o dia todo, e quando a mãe a ia buscar para a deitar na cama, ficava a noite toda a respirar de boca aberta e olhar fixo à sua frente, como se os seus olhos fossem de mármore. O médico da família, o Dr. Vlacos, que a Sr.^a Helianos chamou ao segundo dia, não conseguiu perceber o que se passava com a miúda. No terceiro dia, uma observação casual de Alex despertou-a do seu letargo e Leda retomou a sua pobre e apática existência habitual, mas sem nunca ter chegado a revelar o que a tinha assustado.

Embora vivessem há pouco tempo nessa zona da cidade e não conhecerem, ou nunca se terem preocupado em conhecer, uma boa parte dos vizinhos, a Sr.^a Helianos começou a percorrer a vizinhança em

busca de uma resposta para o mistério de Leda. Acabou por encontrar uma vizinha cuja filha, mais nova do que Leda mas não tão reservada ou sensível, a tinha acompanhado nessa tarde. O que acontecera fora o seguinte: a filha de uma outra vizinha tinha-lhes dado informações erradas acerca da direcção onde Alex tinha ido fazer o recado. As duas raparigas acabaram por meter por uma rua lateral, nas proximidades do mercado municipal, onde horas antes centenas de atenienses esfomeados se haviam juntado para protestar contra alguma nova lei ou privação. A polícia militar alemã chegou ao local e, optando por encarar aquilo como um motim, disparou sobre a multidão para dispersar os manifestantes. Oito ou dez cadáveres jaziam na rua, atingidos pelas rajadas de metralhadora, alguns de rosto contraído, todos de corpo contraído, farrapos de carne sob roupa esfarrapada. Havia uma parede nauseabunda junto à qual alguns deles haviam caído, e na sua queda tinham-na manchado, salpicado, tingido de sangue. Quando as duas raparigas, perdidas e confusas, ali chegaram, o único ser vivo no local era um jovem soldado alemão, que estava de guarda; de início, ele não lhes prestou atenção, mas depois gritou-lhes que fugissem, por amor de Deus!

Tendo narrado esta cena histórica aos seus pais no próprio dia em que a vira, a filha da vizinha repetia-a agora à Sr.^a Helianos. Leda, porém, continuava a não responder às perguntas da mãe, ou às de Alex; mas os pais acharam pouco provável que a filha se tivesse esquecido do que vira, ou que alguma vez na vida o viesse a esquecer. Continuava a exibir um ar tranquilo, sem qualquer sinal de histeria ou de pânico; mas havia sempre algo que lhe pesava no espírito, que a oprimia, como se aquele pequeno e obtuso crânio fosse demasiado estreito para acolher pensamentos melancólicos.

O Sr. e a Sr.^a Helianos, por seu lado, nunca conseguiram esquecer a morte do filho mais velho, o seu Címon, que desde o dia do seu nascimento até ao da sua morte sempre fora um rapaz perfeitamente saudável, inteligente, promissor. Mas tendo os Helianos, como gregos que eram, uma atitude inatamente realista em relação à morte e ao seu carácter absoluto, acabaram por de algum modo bloquear qualquer pensamento sobre o filho, ou pelo menos por guardar silêncio a tal respeito, para evitar magoar o outro. Já era suficientemente doloroso ter de criar os filhos que lhes restavam, tão inferiores ao mais velho, em tempos cruéis como aquele em que viviam; um tema de que falavam a todo o momento.